



ENCONTROS COM A ARTE E A ESCRITA: COMPOSIÇÕES COM ALUNAS DE CURSO NORMAL

Neila Görgen - UFRGS

Resumo: O presente artigo descreve uma pesquisa com alunas de Curso Normal de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, envolvendo experimentos com o uso da escrita de cartas e da arte contemporânea, a partir de experiências na vida escolar e profissional da pesquisadora. Para tanto foram oferecidas oficinas sobre escrita como uma maneira de convidar as alunas a pensar sobre os processos de formação, na escola e na vida. As discussões a respeito do cuidado de si estudado por Foucault, foram importantes para pensar as oficinas de escrita e arte como técnicas de si, possibilitando o pensar sobre si e o experimentar-se de inúmeras maneiras, tentando problematizar algumas verdades sobre os modos de ser professor, aluno, adolescente. Acredita-se que um trabalho de formação docente através da arte e da escrita possibilita diferentes maneiras de ver, pensar e se reinventar, sem a preocupação com um ponto chegada específico e uma única resposta.

Palavras-chave: Formação docente. Arte contemporânea. Escrita de si.

Início este artigo expondo os motivos que me levaram a querer trabalhar com oficinas de escrita de cartas e arte contemporânea, com alunas de Curso Normal¹, de uma escola de internato no município de Estrela. Minhas inquietações sobre a escrita foram se compondo ao longo dos encontros que tive, tanto na vida escolar, como na vida acadêmica e profissional. Encontros com colegas, com professores, com alunos, com leituras, com filósofos, com não filósofos, fazendo perceber o quanto a pesquisa está implicada com a minha vida, e a minha vida está implicada com a pesquisa. Encontros que foram se compondo desde o tempo da minha infância, com a fantasia de ir para a escola aprender a ler e a escrever, passando pela minha formação no curso de Pedagogia, e no curso de especialização em Educação e Psicopedagogia, em que entrei em contato com o pensamento de Nietzsche, Deleuze e Foucault.

Além da minha formação cabe pontuar a minha trajetória profissional como professora de educação infantil, professora de Metodologia de Estudos Sociais em um Curso Normal, e coordenadora de internato.

¹ Tal escola situa-se no município de Estrela, interior do estado do Rio Grande do Sul.

Já o encontro com a arte contemporânea se deu no mestrado em Educação, em que tive contato com esta discussão em um dos seminários oferecidos no curso². Através deste encontro, pude ampliar minhas maneiras de ver a arte contemporânea e perceber a riqueza que ela pode trazer para a educação e para a docência de um modo geral, e não só nas aulas de arte. Devido seu potencial criador, perturbador e descontínuo pode nos ajudar a romper com certo modo linear e contínuo de ver as coisas, ainda muito presente na educação atual e nas nossas vidas, pois nos acostumamos a procurar verdades únicas e interpretações em tudo que vemos, ouvimos e lemos.

Jódar e Gómez (2004) destacam que o mundo escolarizado possui um modo próprio de ser, onde qualquer problema deve ter uma solução previamente conhecida pelo professor e o professor só interroga a partir das respostas que possui no seu caderno. Não nos parece desta maneira que o mundo escolarizado não faz parte da vida? Vida e escola são coisas totalmente diferentes? A escola não faz parte da vida e nem a vida da escola? Será que no conhecimento aprendido na escola nunca há nada de novo? Como trazer a invenção para a escola se as perguntas são sempre as mesmas?

Escrita e composições de si

A pergunta que continua me instigando a pensar e me move no momento é: de que modo o movimento entre a arte contemporânea e a escrita de si, poderá problematizar algumas verdades sobre os modos de ser professor, aluno, adolescente e criar outras possibilidades de reinvenção de si?

Parto de algumas teorizações de Foucault e Nietzsche e de muitos que escreveram com eles, para pensar a minha “vontade forte”. Vontade de que, neste momento, as alunas de Curso Normal que me fazem pensar sobre meu agir e minha constituição como pessoa que interage com elas, possam pensar sobre algumas coisas do seu dia-a-dia, enquanto alunas, adolescentes, futuras professoras, tais como: os modelos educacionais e sociais que muitas vezes modelam e forjam modos de ser, de pensar e de escrever. Se as verdades, as normas, as formas foram criadas, estas alunas podem experimentar outras possibilidades, recriá-las, ousar outras maneiras. Criar para não se adequar a vida e a escola. Pensar que as coisas nos são oferecidas e que podemos questioná-las, reinventá-las, fazê-las de outras maneiras.

² Neste seminário, realizado no primeiro semestre de 2010, debatíamos um texto de Foucault e Nietzsche em cada aula, além de comentadores, estabelecendo relações com produções artísticas contemporâneas. Os artistas contemporâneos que estudamos foram, entre outros: Jorge Macchi, Valmor Corrêa, Nicholas Floch, Janine Antoni, Sophie Calle, Kiki Smith.

As oficinas com a escrita de cartas e a arte contemporânea, com alunas de Curso Normal, foram ministradas não para “inquirir sobre o que foi feito, como os historiadores, mas sim para buscar aquilo que fazer” (Foucault, 2006, p. 320). A escrita e a arte como práticas de si, que tem como objetivo a relação consigo. Práticas de si, que consistem em voltar o olhar sobre si, “para não estar à mercê de todos os ventos, aberto ao mundo exterior” (Foucault, 2006, p. 162), sem pensar sobre as coisas que nos são oferecidas à todo momento. Práticas que não possuem um momento privilegiado da vida, mas devem abranger a existência inteira.

Trago a discussão em torno do cuidado de si, para as alunas pensarem sobre os modos de ser aluna, adolescente e professora. Cuidado de si estudado por Foucault (2006), nos séculos I e II (período helenístico e romano), “que foi recoberto historicamente na cultura posterior, por outros dois grandes modelos: o platônico e o cristão” (FOUCAULT, 2006, p. 309).

Nos séculos I e II o cuidado de si é como que fechado em si mesmo, cuida-se de si, por si mesmo, o objetivo final da conversão a si é estabelecer algumas relações consigo mesmo. Em Platão quando se pede que a alma se volte sobre si mesma é com a finalidade de reencontrar sua verdadeira natureza. “Pelo movimento da reminiscência, encontramos uma verdade escondida no fundo de nós mesmos” (FOUCAULT, 2006, p. 607).

Já no cristianismo, a confissão aparece como uma forma de submeter o indivíduo a uma introspecção, buscando uma verdade sobre ele mesmo. E “procurar sua verdade íntima será sempre continuar a obedecer” (FOUCAULT, 2006, p. 617), pois o ascetismo cristão tem como princípio fundamental que a renúncia a si constitui o momento essencial que nos permitirá obter outra vida.

O que Foucault (2006) encontra no pensamento antigo são outros modos de pensar e de viver, modos nem melhores, nem piores que os atuais, mas diferentes e que, a partir dos modos de ser existentes, cada um pode criar uma forma ética para conduzir a si próprio e a sua vida. A ideia de inscrever uma ordem na própria vida, uma ordem imanente, que não seja sustentada por valores transcendentais.

“O cuidado de si na cultura antiga, na cultura grega e romana, jamais foi efetivamente percebido, colocado ou afirmado como uma lei universal, o cuidado de si implica sempre uma escolha de modo de vida” (Foucault, 2006, p. 139). Por isso a arte de viver vai girar em torno da pergunta: “Como fazer para viver como convém? Como devo transformar meu próprio eu para ser capaz de aceder à verdade?” (Foucault, 2006, p. 219). A verdade destacada aqui, não é uma verdade universal, mas uma ética construída para si, a partir das verdades exteriores,

das coisas que nos são oferecidas. “Fazer do dizer verdadeiro um modo de ser do sujeito” (FOUCAULT, 2006, p.395).

Dizeres verdadeiros que permeiam nossas relações, nossas ações, oferecendo-nos à todo momento, formas de ser e estar no mundo, de falar, vestir, dançar. Modelos prontos, que em sua maioria não são questionados por nunca termos pensado de outras maneiras, por não pensarmos na possibilidade de pensar sobre o que já está dado. E o que está dado, não foi dado, doado por alguém? E quando nos é dado algo, não há a possibilidade de reinventá-lo, transformá-lo em outra coisa?

O cuidado de si da antiguidade traz como elemento importante, a noção de salvação. Nesta noção de salvação não há referência a algo como a imortalidade, ou um outro mundo, como propõe o modelo cristão, que se repete e se traduz muitas vezes no modelo escolar. A preocupação em ensinar geralmente está voltada para o futuro, como: passar no vestibular, ser alguém na vida. E o que acaba ocorrendo é a renúncia dessa vida que pulsa em todos os momentos presentes da sala de aula, dia após dia. A salvação na antiguidade tem uma significação positiva e remete a própria vida. “Realiza-se sem nenhuma transcendência, a imanência é também marcada pela noção de conversão a si” (FOUCAULT, 2006, p. 646).

O trabalho sobre si aqui, é com a intenção de uma conversão do que não depende de nós ao que depende de nós. Trata-se de uma liberação em relação a tudo aquilo que não dominamos, para alcançarmos aquilo que podemos dominar.

O que parece essencial ou pelo menos característico, na conversão helenística e romana, é que, se há ruptura, ela não se produz no eu. Não é no interior de si que ocorre a cisão pela qual o eu se desprende de si, renuncia a si mesmo para, após uma morte figurada, renascer todo outro. Se existe uma ruptura – e ela existe - ela se dá em relação ao que cerca o eu. É em torno do eu, para que ele não seja mais escravo, dependente e cerceado, que se deve operar esta ruptura (FOUCAULT, 2006, p. 261).

Salvar-se, portanto, é uma atividade que se desdobra ao longo de toda a vida e cujo único operador é o próprio sujeito. Sendo que o mesmo encontra sua recompensa nesta relação consigo, ao tornar-se inacessível às perturbações exteriores, e ao encontrar em si mesmo uma satisfação, “assegurar a própria felicidade, tranquilidade, a serenidade” (FOUCAULT, 2006, p. 226).

É preciso ocupar-se de si, simplesmente para si, porém a salvação dos outros, virá a título de efeito. Ao contrário do que ocorria em Platão, ao salvar os outros, simultaneamente se salvava a si.

Nota-se também, que não se trata de uma ruptura de si para consigo, uma renúncia de si como na religião cristã, mas uma ruptura com as ideias, os modos de ser e de viver, para a partir dessas formas externas existentes, retornar o pensamento sobre si para reinventar-se, criando seus modos de ser e viver, modos de estar no mundo, com a menor forma de dominação possível.

Trago esse debate em torno do cuidado de si atualizando-o, para trabalhar a escrita de cartas e a arte, com as alunas de Curso Normal, não com a finalidade do conhecimento de si, mas a conversão do olhar, do exterior, dos outros, do mundo, para si mesmo. O cuidado de si, implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento, para tentar desconstruir alguns saberes, algumas normas, algumas formas, não questionadas muitas vezes, por não serem pensadas devido a sua simplicidade, ou até mesmo, devido ao automatismo das atividades cotidianas.

Tessituras em arte e escrita

Durante o ano de 2011 ministrei oficinas abordando arte contemporânea e a escrita de cartas com a proposta inicial das alunas pensarem sobre suas “vontades fortes”, termo utilizado pela autora Lygia Bojunga no livro “A Bolsa Amarela”. Através da escrita de cartas tentei proporcionar momentos em que pudessem estabelecer algumas relações consigo

mesmas, pois após a escuta da história deveriam escrever uma carta sobre as suas “vontades fortes” a qual poderiam endereçar a quem quisessem, mas deveriam entregar para mim.

Falo em vontade forte a partir de Nietzsche, como “vontade afirmativa de potência” (NIETZSCHE, 2001), aquilo que é capaz de impulsionar, movimentar essas alunas para a criação. Portanto, não quero contrapor uma vontade forte a uma vontade fraca, pois para Nietzsche (2001), uma vontade fraca é aquela que renuncia à vida, nega a vida, em função da promessa de uma vida futura melhor.

Dando continuidade as oficinas, apresentei às alunas alguns artistas contemporâneos que trabalham com escrita. Após cada obra desses artistas apresentada, eram desenvolvidas duas atividades de escrita com as alunas, uma a cada semana. Os registros eram feitos por mim em meu diário de campo e por elas, pois a cada semana uma aluna ficava responsável em redigir o diário do grupo. Porém no último encontro, depois de escreverem sobre suas “vontades fortes” atuais e relerem a primeira carta em que haviam escrito, pedi que cada uma escrevesse uma carta/ avaliação, sobre as experiências vividas nas oficinas.

As atividades tinham como propósito fazer as alunas pensarem sobre o que as revoltava, se o que as revoltava ou tranquilizava tinha alguma relação com o mundo em que vivemos hoje, qual a necessidade de mundo delas, analisar notícias de jornal, tirando destacando ou mudando as notícias e criar seu próprio mapa, representando tudo o que marcou durante toda sua vida. Um mapa muito mais de sentimentos do que de localização de lugares.

No início fiquei receosa em mostrar as obras antes das propostas de atividades, pois queria que as alunas criassem e não copiassem, porém comecei pensar e ver que o mais importante é a mudança perceptiva, e que as alunas dificilmente poderão escrever e ver de outra maneira se não experimentarem outras possibilidades. Percebi então, que o mais importante seria a experimentação minha e delas, por caminhos um tanto desconhecidos e não a criação de algo “novo”, inédito.

Encontro com alguns artistas

Para suscitar a discussão sobre escrita durante as oficinas, parti de artistas escolhidos por mim, que de certa maneira me afectaram³ por sua forma intensa de escrita, como: Léon

³ Utilizo-me da palavra afectaram, no sentido utilizado por Spinoza (2009), que afirma que somos afectados por afecções (ações), sendo que “o corpo humano ser afectado de numerosas maneiras pelas quais a sua potência de é aumentada ou diminuída; e, ainda, por outras que não aumentam nem diminuem a sua potência de agir” (p. 98).

Ferrari, Mira Schendel, Jorge Macchi e Elida Tessler. Acredito que estes artistas, de alguma maneira, contêm o instinto da arte trágica destacada por Nietzsche (2007), trazendo a possibilidade de sair da formatação da escola, suspender a consciência e deixar-se experimentar através da arte, percebendo as inúmeras possibilidades de interpretação, invenção e composição de si, dos outros e da escrita. Minha intenção era provocar as verdades, trazendo a possibilidade de voltar a ser criança, desaprender e desprender-se um pouco das formas, das normas e das regras treinadas e decoradas por muitas vezes ao longo da vida.

Ferrari e Schendel ⁴se utilizam de modelos linguísticos para interpretar o mundo. Eles utilizavam a linguagem não apenas como veículo para expressar conceitos ou ideias através de sua obra, mas como um meio material e físico, para moldar e criar formas. Na produção de Mira Schendel a presença de símbolos e letras torna no seu desdobramento, importantes e representativos os questionamentos que ela buscava através da filosofia, tanto oriental, quanto na ocidental.

Uma busca de compreensão de um mundo permeado por símbolos e palavras. Linhas, símbolos ou ainda, o vazio, todos se transformam em elementos cheios de reminiscências e principalmente a sua própria experiência com o mundo, numa representação da vontade de estar presente neste mundo e em si mesmo. Transformando um ser em vidente e visível. As suas pinturas não são somente cores imanentes da luz em um vazio. São questões próprias de uma artista com o ímpeto de buscar, de algum modo, ser o meio intersubjetivo, tornar visível o que a visão prosaica torna invisível. Já Léon Ferrari faz uso da escrita como construção de visualidades. As escritas deformadas e os quadros escritos são resultados de uma longa pesquisa em que o artista se utiliza de textos, alternando-os e chegando ao extremo do inteligível, criando uma obra plástica de pura abstração. Escritas deformadas, alfabetos indecifráveis e de certa maneira, escritas secretas. Como a carta a um General, que se constitui de letras deformadas, porém, pode-se perceber o teor da carta devido ao título.

⁴ Ocorreu em 2010, na Fundação Iberê Camargo, a exposição “O Alfabeto Enfurecido”, com obras de Schendel e Ferrari, sendo que os mesmos não se conheceram e na prática ignoraram as respectivas obras. Suas obras possuem muitos pontos de contato, surpreendentes relações de analogias, de similaridades, assim como também diferenças.

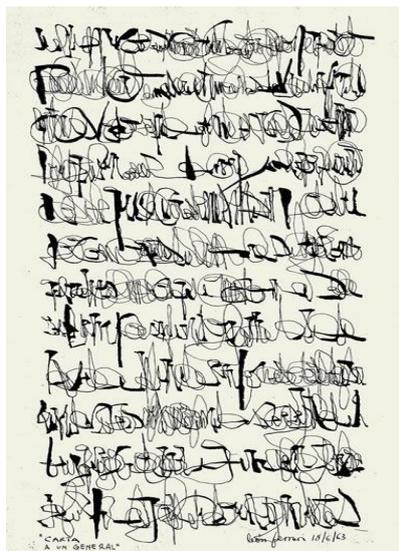


FIGURA 1 - León Ferrari-Carta a um General 18 de Junho, 1963

Fonte: [http:// www.iberecamargo.org.br](http://www.iberecamargo.org.br)

Macchi⁵ se interessa por temas que ultrapassam o campo das artes visuais, tendo se aproximado da escrita e da música. O artista trabalha com a noção de informação, fazendo suas obras a partir de jornais, mapas de cidades e de metrô misturado com música e outras mídias. Não faz questão de produzir obras com grandes instalações e tecnologias. O charme de seu trabalho reside na re-contextualização de elementos cotidianos em pequena escala, mas com grande intensidade. Ele permeia sua produção por uma abordagem sutil de questões políticas e de como as informações veiculadas pelos jornais servem para a construção de novos significados e narrativas.

Elida Tessler⁶ constrói um poético léxico de coleções que falam de afeto, de vida cotidiana e de memória. Dentre elas destaco “Palavras-chaves”. Coleção de chaves sem dono, sem par, sem função, que a artista coletou dos amigos até os taxistas. Perguntando às pessoas: “Tu não tem aí uma chave que o segredo não serve mais”? A obra reúne em claviculário as chaves com gravações que segredam palavras de textos literários.

[...] Há dois movimentos do pensamento que sustentam um segredo: o escondido e o enigmático. O escondido se mostra, se revela. O que é enigmático não tem como mostrar-se. Decifra-me ou te devoro. Aquilo que se esconde é diferente daquilo que não se sabe. Apresentar publicamente o resultado de uma produção é mostrar uma ex-posição. É construir um outro lugar. A arte pode criar lugares para as vertigens. Vertigens sutis, mas também aquelas do transtorno, da perturbação, da perfuração dos estados da alma (TESSLER, 2004 p. 161-162).

⁵ Jorge Macchi nasceu em Buenos Aires, em 1963. Estudou artes na Escuela Nacional de Bellas Artes de Buenos Aires e em 1987 recebeu o título de professor Nacional de pintura. Atualmente vive e trabalha em Buenos Aires. Sua participação é frequente em exposições mundiais, destacando-se: Bienal de São Paulo (2004), IV Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Bienal de Fortaleza (2002).

⁶ Artista plástica, nascida em Porto Alegre. Doutora em História da Arte – Universidade de Paris I – Panthéon – Sorbonne, França. Professora do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS.



FIGURA 2 - Elida Tessler-Claviculário janeiro, 2002.

Fonte: <http://elidatessler.com>

Arte e escrita como possibilidade de reinvenção de si

A partir das propostas destes artistas, tentei tornar possível o questionamento da vontade de verdade, da racionalidade que acaba afastando as contradições e os afetos na educação. Ajudar as alunas a pensarem sobre os modos de ser proposto pela comunidade, pela escola em que estão inseridas e sobre as composições feitas por elas até então, e as possibilidades de se comporem de outras maneiras. Organizar, através das propostas de atividade, uma rede de referências que as ajudassem a pensar na criação de si mesmas, e que essa criação, não é alheia ao mundo, mas uma relação de si com o mundo e do mundo consigo.

Penso ser possível que, através e com a arte seja possível que as alunas encontrem pontos entre razão e sensibilidade, para pensarem sobre uma ética para conduzir a sua vida, seu próprio modo de ser. A arte pode permitir uma desconstrução da escrita e, ao mesmo tempo, é a transformação de uma visão clara e definida das coisas em uma visão ambígua, trazendo muitas possibilidades. Como afirma Nietzsche (2007), a arte é o que torna a vida possível, é o grande estimulante da vida, a força superior capaz de se contrapor à vontade de negação da vida.

A arte nos traz uma noção de que nada é permanente e fixo, que cada um de nós pode criar e recriar todos os valores. A arte nos ensina a olhar com interesse e prazer para a vida, ao invés de negá-la, renunciá-la em função de uma vida em um mundo melhor.

Pela experiência estética, o sujeito cria novos projetos alternativos de mundo, pois o assim denominado mundo real é, na verdade, uma possibilidade de concepção, que se organiza e se estabiliza em função da realização de nossas expectativas. Quem rompe com as expectativas habituais e projeta novas possibilidades de sentido é o momento surpreendente da experiência estética (HERMANN, 2010, p.34-35).

A arte contemporânea pode abrir a possibilidade de uma perspectiva para além da verdade e do erro, para além da moral. Pode proporcionar uma infinidade de interpretações que não se fecham em um sentido único, a cada olhar uma criação, uma reinvenção se repetindo sempre na diferença. Na arte contemporânea o público estabelece suas próprias relações, pois esta “arte é pluralista em intenção e realização para se permitir ser apreendida em uma única dimensão” (Danto, 2006, p. 20). O artista contemporâneo nos convoca para um jogo cujas regras não são lineares, mas desdobradas em redes de relações possíveis ou não de serem estabelecidas.

A arte contemporânea permite o que a educação muitas vezes não nos concede, estabelecermos algumas relações do nosso modo. Sentir ao invés de simplesmente tentar entender e emitir uma única opinião, “seria preciso voltar-se do sentido para o pensamento” (DANTO, 2006, p. 16).

Vejo que a arte traz um grande desafio para a educação e para a nossa vida em geral. Ajuda-nos a deixar o medo de sentir de lado, para podermos nos experimentar, suspendendo de certa maneira o ato inteligível de entender. Indo de certa maneira na contramão do ponto de chegada, da receita que não se muda, de uma única resposta e um ponto final, muitas vezes esperado por nós educadores. Traz, porém, uma possibilidade de pensar, que não se resume a um modo melhor ou pior, mas diferente.

Alio-me, então, a arte contemporânea e a Foucault (2004) para problematizar a noção de sujeito-identidade, universal e soberano, afirmando que o sujeito se constitui por meio de práticas de assujeitamento ou de práticas de liberação, num contexto de regras e convenções encontradas no meio cultural. Penso na arte como possibilidade inventiva do cuidado de si, estudado por Foucault, através dos gregos e romanos. E que através dela, com ela os modos de vida podem ser compartilhados por indivíduos na transversalidade das relações sociais, que se diferenciam em idade, classes, profissões, etc., conduzindo a práticas intensas para além da rigidez dos espaços institucionais.

Penso que encontros com a escrita em uma experiência aberta, como a experiência estética, poderá ampliar as composições das alunas de Curso Normal, tornando visíveis

nuances e variações de princípios éticos. Acredito que elas possam experimentar as muitas possibilidades da arte, para reinventar suas próprias composições. Esperar da arte muito mais que ela possa nos oferecer, não esperar a arte, nem da arte, mas criar e se reinventar com a arte. “Na medida que a estética expressa de modo amplo o sensível, sua presença no cotidiano associa-se à existência da pluralidade de estilos de vida” (HERMANN, 2010, p.64).

Acredito na arte como possibilidade de uma experiência estética, e que as vivências da experiência estética possam trazer novas interpretações para os princípios éticos, para cada um construir o seu modo de conduzir a sua vida.

Na perspectiva da ética, a estética realiza uma contribuição imprescindível, pois ela indica a possibilidade de uma existência peculiar. A experiência estética promove as formas de vida que atendem a um interesse próprio, como também aquelas que devem ser protegidas pela lei moral.

Nesse sentido o cuidado de si, não pode ser reduzido a um individualismo, pois a partir das regras existentes, recria-se as regras para conduzir a própria vida – “e as regras morais herdadas requerem uma abertura para o outro que rompe o caráter individualista da ética da autocriação” (HERMANN, 2010, p. 74).

Percebe-se, então, que ética e estética, não podem ser reduzidas uma a outra, nem deve ser construído um abismo intransponível entre elas. Na medida que a experiência estética traz o diferente, o singular e até mesmo o estranho, ela abre possibilidades para outras maneiras de ver e pensar, para a possibilidade de um julgamento moral.

As oficinas se traduziram em experiências de escrita que possibilitaram para mim e as alunas ver e pensar de outras maneiras. Ver a escrita para muito além de uma forma, e muito mais como um expressar de sentimentos. Um pensar sobre si que fez pensar sobre o mundo, não de forma universal, mas subjetiva. Através de uma forma diferente de escrita puderam expressar-se sem medo de serem julgadas, dizerem o que pensam, como afirmou uma aluna em sua carta-avaliação “ser ela mesma e não um mero personagem”.

Tais experiências e cartas-avaliações que foram registradas em meu diário de campo, bem como no delas me levam a essas conclusões provisórias. Conclusões que elas também escreveram em suas cartas-avaliações. Os diários servem e servirão de subsídio para o meu pensar e para a escrita da dissertação que ainda não foi concluída.

REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia. **A Bolsa Amarela**. Rio de Janeiro: Agir, 1992.

DANTO, Arthur. Introdução: moderno, pós-moderno e contemporâneo. In: DANTO, Arthur. **Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história.** São Paulo: Odysseus, 2006. p. 3-21.

FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência. In: _____. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade e política.** Rio

FOUCAULT, Michel. **Hermenêutica do Sujeito.** São Paulo: Martins Fontes. 2006.

HERMANN, Nadja. Experiência estética: significado para a formação. In: HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético-estética.** Ijuí: Editora Unijuí, 2010. P. 31-47

HERMANN, Nadja. Estetização do mundo da vida e sensibilização moral. In: HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético-estética.** Ijuí: Editora Unijuí, 2010. P. 59-74

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra.** São Paulo: Martins Claret, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral** Uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SPINOZA, Baruch. **Ética** . Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TESSLER, Elida. Claviculário: palavras-chave e outros segredos. In: FONSECA, Tânia M. G. e ENGELMAN, Selda (Org.). **Corpo, Arte e Clínica.** Porto Alegre: editora da UFRGS, 2004.

JÓDAR; GÓMEZ. Experimentar o presente: sobre a conformação de novas identidades. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, v. 29 n. 1, p. 139 – 153, Jan/Jun. 2004.